

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. o n.º	N.º à entrega	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1113	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 de Novembro de 1909	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

Viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II, ao Estrangeiro



1. S. A. O Principe de Galles — 2. S. M. El-Rei D. Manuel II
O DESEMBARQUE EM PORTSMOUTH

CHRONICA OCCIDENTAL

Com o regresso do sr. D. Manuel II ao seu reino, realisada a sua primeira viagem de soberano a outros países, estão dando muito que falar as relações existentes entre Hespanha e Portugal, e d'estas duas nações com a de Inglaterra, havendo muito quem diga e creia que nunca foram tão cordeadas semelhantes relações.

Antes de mais nada, deve a chronica declarar que, ao contrario de outras opiniões, pouca ou nenhuma importancia ligou ao facto recente de se pretender descortinar perturbações na amizade luso-castelhana em consequencia da aproximação, que ha annos se nota, entre a Inglaterra e a Hespanha, aproximação consagrada pelo casamento de uma princeza inglesa com Affonso XIII.

Sabe-se que os laços de intima amizade que unem Portugal e a Inglaterra são de tal natureza que a aproximação d'esta e da Hespanha só pôde servir a estreitá-los. Portugal tem, na amizade ingleza, a garantia da sua tranquillidade na Europa e nas colonias—sobretudo, diga-se sempre, quando as suas colonias tiverem passado de todo para a mão dos ingleses . . .

Não demos vulto, por amor de Deus, á suposição de que os hespanhóes alimentam projectos ambiciosos contra Portugal ou contra o seu dominio colonial. Mas suponhamos, só para nós, que taes pruridos se declarassem, e logo veriamos como a Inglaterra interviria: a Inglaterra não tem interesse algum em favorecer a extensão territorial da Hespanha em detrimento de Portugal. A amizade que se diz consagrar-nos a Inglaterra é a prova irrefutavel do conhecimento que ella tem dos proprios interesses, que defende como ninguém sabe defender os seus.

O que talvez se possa censurar-nos é precisamente o não termos sabido tirar partido da amizade britanica para evitar o estado pericario em que caímos, depois de termos representado no mundo um papel tão consideravel. Com a paz assegurada, graças ás relações que mantemos com a Gran-Bretanha, deveriamos ter seguido o exemplo d'esta para reconstituir a nossa marinha, trabalhar em favor do desenvolvimento colonial, retomar em suma a preponderancia commercial e moral que nos competia na Europa, graças ao valor do nosso povo e á extensão consideravel das nossas costas maritimas.

Longe de cuidar que a aproximação da Hespanha e da Inglaterra podesse prejudicar Portugal, sempre a chronica foi de opinião que essa aproximação só lhe seria util, estimulando os portuguezes pelo espectáculo dos progressos que a Hespanha havia de realisar sob a influencia poderosa dos ingleses.

Não se ignora que a Hespanha deve já á amizade inglesa o ter occupado na conferencia de Algeciras o seu lugar de grande potencia, adquirindo em Marrocos uma situação na realidade mais vantajosa que a da propria França. Os francezes é que perderam em Marrocos mais do que ganharam, emquanto que a Hespanha só teve a ganhar e nada a perder.

Se o nosso grande erro tem consistido em não nos aproveitarmos sufficientemente das relações que mantemos com a Inglaterra para engrandecermos o país, o erro da Hespanha cifrou-se no isolamento em que se confinou perto de um seculo, como tambem nós fizemos. Parece que tanto os hespanhóes como nós não temos consciencia bastante do mal que nos advém da nossa posição geografica.

Situados na extremidade da Europa, fóra de todos os bons caminhos terrestres, somos pouco frequentados por estrangeiros, e pouco ou quasi nada temos feito para os attraír—opinião esta de que pedimos desculpa á Propaganda de Portugal e ao seu secretario perpetuo. Ora se ha verdade incontestavel é que a primeira condição exigida pela moderna evolução dos povos é o entretenimento tão frequente quanto possivel de relações com os outros povos.

As nossas relações com a Europa por terra são insignificantes. Por mar, predominámos outr'ora sobre todo o globo; mas tendo perdido a nossa marinha, tanto nós como a Hespanha, perdemos com ella a maior parte do nosso commercio. Os capitães faltaram-nos. Fomos obrigados a procurar fóra os que eram indispensaveis á creação de caminhos de ferro, edificação de fabricas, e quasi tudo o mais.

Tem-se attribuido á influencia do catholicismo e das congregações as causas d'esta regressão da península iberica, regressão que data do seculo xvii. A chronica não deseja contestar esta asserção, porque crê na influencia nefasta de toda a reli-

gião que torna o espirito estreito, preconiza a renuncia ao mundo e transforma em frades e freiras inactivos uma muito avultada parte dos melhores elementos da sociedade.

Todavia, o que parece mais exacto é que o isolamento em que nos puzemos do resto do mundo é que determinou sobretudo a evolução descendente, para que assim digamos, de Portugal como da Hespanha.

Se é certo que a viagem do Senhor D. Manuel concorreu de alguma maneira para mais estreitar as relações officias de Portugal com as nações que Sua Magestade visitou, bom serviço terá prestado ao seu país.

Não faltam, nem são poucos os que receiam a amizade inglesa, por que ella costuma impôr áquelles para quem se chega obrigações mais que correlativas. Muitos receiam que a Inglaterra force a península a reorganizar os seus portos e a abastecer-se de material de guerra naval, vendo só nisso despeza de grosso dinheiro. Mas a verdade é que, se a influencia da Inglaterra se exercesse assim, quer no que respeita a Portugal, quer com respeito á Hespanha, nós e os hespanhóes só deviamos ter razão para rejubilar. Nós, como elles, só nos poderemos levantar saindo do isolamento em que nós puzemos, e só poderemos sair d'este isolamento quando porventura readquiramos para as nossas marinhas um esplendor que lembre o que ellas tiveram nos seculos xvi e xvii. A nossa antiga vitalidade só será rehavida no dia em que entrarmos no caminho que nos traça a actividade maritima e commercial da Gran-Bretanha.

Pouco sabe quem ignora que toda a politica inglesa teve sempre como fim primordial o evitar o estabelecimento da hegemonia de qualquer nação europeia. E' com esse mesmo fim que ella se ergue neste momento contra as ambições do imperio allemão, como o fez no tempo de Luiz XIV, e depois com Bonaparte, o inimigo irreconciliavel. A politica inglesa secunda, da maneira a mais segura e a mais util, os interesses de todas as nações latinas. A Italia, a Hespanha, Portugal e a França, têm igual interesse na manutenção da paz, e têm igual certeza de que não será a Gran-Bretanha que lh'a altere, porque os interesses ingleses seriam os primeiros a resentirem se da sua ruptura.

Cuida-se realmente da formação de um bloco anglo-latino capaz de impôr a paz ao mundo? Se assim é, não podiam Portugal e Hespanha encontrar-se num melhor terreno de interesse reciproco em face da Inglaterra.

Não se pôde dizer que o Reino Unido não tenha na orientação que dá á sua politica internacional um grande interesse, e que com ella o procure servir. Mas nenhum estado é obrigado a trabalhar para a gloria e proveito dos outros estados. Deve porém afirmar-se que, perante esta evolução, os paizes da raça latina pôdem collocar-se numa bem proveitosa situação, se souberem compenetrar-se das circunstancias actuaes em que tem de preponderar.

E' incontestavel que a Allemanha, sob a vontade de Guilherme II, tornou-se uma ameaça para a paz universal. A Allemanha affecta pretensões que, se não tendem á dominação ou á preponderancia mundiaes, visam, sem duvida, a uma grande proeminencia real, escudada na força. Não ha um só povo que não se sinta ameaçado por ella, seja nos seus interesses, na sua dignidade ou na sua autonomia. E este estado de coisas provém justamente da divisão inexplicavel em que viveram as outras nações. Agrupados lealmente ao lado da Inglaterra, os paizes latinos formariam um bloco imenso, capaz de deter as abusivas pretensões da Allemanha.

JOÃO PRUDENCIO.

Viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II ao estrangeiro

A recepção festiva que El-Rei D. Manuel teve em Portsmouth, como referimos em o numero antecedente, seguiram-se as imponentes manifestações que acolheram o monarca portuguez na sua chegada a Windsor.

O velho burgo real revestiu suas melhores galas; toda a *gare* e caminho que conduzia ao Castelo estavam decorados de bandeiras e trofeus ingleses e portuguezes. Um regimento escocoz fazia a guarda de honra e o povo aglomerava-se em todo o trajeto por onde as tropas faziam alas,

curioso de vêr o real hospede. Na *gare* o rei Eduardo com o duque de Connaught, o principe Arthur e camaristas aguardavam o rei de Portugal, que ao aprear se da carruagem é logo abraçado por Sua Magestade britanica beijando-se mutuamente.

As bandas tocam o himno portuguez e o cortejo segue em direcção ao Castelo de Windsor, pela rua principal da cidade, saudado pelo povo com os caracteristicos *hurrahs* ingleses.

As rainhas Alexandra e da Noruega, as princezas de Galles, real e suas filhas Alexandra e Maud, as de Battenberg e Luiza, os duques de Fife e de Argyll, camaristas da côrte, presidente do conselho, ministro dos estrangeiros e sir Francis Villiers ministro de Inglaterra em Lisboa, aguardavam no castelo a chegada do sr. D. Manuel, havendo os cumprimentos do estilo, depois do que El-Rei foi descançar nos aposentos que lhe estavam destinados.

Esses aposentos eram os mesmos que El-Rei D. Carlos occupou em 1904 quando ali esteve. Constam de tres salas: a dos Rubens, a de Van Dik, as quaes teem preciosos quadros, e a do Conselho ou de Jorge III transformada em quarto de dormir.

Nesses aposentos ponde El-Rei D. Manuel encontrar uma recordação de sua familia, no retrato da infanta D. Catarina de Bragança esposa de Carlos II, em uma bela pintura que ali existe.

Depois de um breve descanso El-Rei jantou com a familia real, em jantar intimo, havendo á noite concerto no Castelo por alguns artistas dos mais notaveis de Inglaterra.

O dia seguinte, 16, ao da chegada de El-Rei D. Manuel a Windsor, foi o de maior festa no historico castelo.

De manhan houve caçada real oferecida ao monarca portuguez, em que, tomaram tambem parte o rei Eduardo, principe de Galles, duque de Connaught e seu filho o principe Arthur, acompanhando tambem á caçada o sr. marquês do Faial, da comitiva portugueza. Abunda a caça nos parques de Cumberland Lodge, e El-Rei D. Manuel, á sua parte, matou oitenta e dois faisões.

Emquanto os caçadores se entretinham na sua diversão venatoria, ia grande asáfama no castelo com os preparativos para a cerimonia da investidura da Jarreteira de El-Rei D. Manuel, que devia ter lugar ás 7 horas da noite. Chegava a Windsor um comboio expresso com convidados para aquella cerimonia, que vinham doutros logares e a cidade apresentava aspéto festivo com o povo que acudia á passagem das pessoas reaes, saudando as com vivas e demonstrações de alegria.

A ordem da Jarreteira é a mais antiga e a mais nobre de Inglaterra, pois raramente tem sido concedida fóra das familias reinantes. Sobre a origem desta ordem militar muitas são as duvidas que se oferecem, querendo uns investigadores do passado que ella fosse instituida pelo rei Ricardo Coração de Leão, como se depreende da Cronica de Russel, outros que fóra creada por Eduardo III em 1345, e depois modificado por Henrique VII, em 1497. A mais aceite, porém, e conhecida origem é a da lenda da condessa de Salisbury ter deixado cabir uma liga quando dansava com Eduardo III, e deste ter-se baixado a apanhal-a e, para atenuar o espanto que esse acto produziu na côrte, pronunciou aquellas conhecidas palavras *Honni soit qui mal y pense*, completando com o dizer que muitos dos cavalheiros que se riram da sua galanteria, muito se haviam ainda de honrar em possuir uma liga assim.

Com este pretexto creou a ordem de cavalaria da Jarreteira.

Dos monarcas portuguezes o primeiro investido nesta ordem foi o Mestre de Aviz D. João, seguindo-se os seus successores até El-Rei D. Manuel I. Ha uma interrupção até D. João VI, e segue-se depois D. Pedro V, D. Luiz I e D. Carlos I. Principes, só o malogrado D. Luiz Filipe foi investido na Jarreteira; e de infantes foi D. Pedro, em 1427 e D. Henrique em 1442. Fóra da familia real a ordem da Jarreteira só foi concedida a Alvaro Vaz de Almada, que batalhou pelos ingleses em Azincourt e recebeu de Henrique VI o titulo de conde de Avranches, na Normandia.

A Inglaterra é das nacionalidades que mais aferradamente conservam suas tradições historicas, nos costumes e praticas, por mais anacronicas que sejam, afirmando assim seu grande amor patrio e caracter nacional.

Honra lhe seja.

Por isto não surpreende que os seus lordes na camara alta se apresentem ainda com as cabeleiras e vestes talares como nós primeiros tempos da nacionalidade inglesa, os cavaleiros das suas or-



A SALA RUBENS

dens com os uniformes do estatuto nas grandes solemnidades, etc., o que tudo faz viver no presente a história do passado, com um profundo respeito conservando o prestígio de suas instituições.

Imagine-se que surpreendente espetáculo apresentavam as salas de Windsor, especialmente a exclusiva do capitulo da Ordem onde se realiza a investidura dos cavaleiros da Jarreteira. Uma sala medieval, pelas paredes vêm-se grandes retratos a óleo dos reis de Inglaterra, alguns pintados por Lawrences, em volta bancos onde os cavaleiros tomam assento e no meio a mesa da presidencia com ricos candelabros que se repetem por toda a sala numa grande profusão de luzes, o chão coberto por custoso tapete azul, a côr da Ordem.

Toda a côrte reunida e grande numero de cavaleiros com seu uniforme de calção e meia de seda branca, gibão de veludo vermelho, capa de veludo azul e bandas brancas com as insignias da Ordem bordadas a ouro; um luzimento de fardas onde o ouro dos galões e bordaduras reflete brilhante á luz dos candelabros, multiplicando estes o brilho de milhares de pedras preciosas dos crachás.

Um deslumbramento no meio do qual é celebrada a cerimonia da investidura de El-Rei D. Manuel II na Ordem da Jarreteira. Na presidencia está o rei Eduardo VII e a rainha Alexandra, unica senhora que atualmente pertence áquella Ordem. Sua Magestade Britanica declara que vai proceder á investidura do novo cavaleiro, o rei de Portugal, mandando ler a um dos chanceleres os estatutos da Ordem, e depois nomeia o principe de Gales, o duque de Connaught, principe Arthur e conde de Spencer para fazer a apresentação do novo cavaleiro ao capitulo, aproximando-se tres officiaes da Ordem portadores de tres almofadas de veludo vermelho agaloadas a ouro, com as insignias da Jarreteira. Feita a apresentação, El-Rei D. Manuel toma logar na presidencia á direita, enquanto é lido o decreto da imposição e segue-se a investidura das insignias ao novo cavaleiro, feita por officiaes da Ordem, que vão explicando a significação de cada uma dessas insignias. No fim o rei Eduardo abraçou o rei de Portugal e beijou-o nas duas faces, seguem-se os cumprimentos e com elles terminou a cerimonia, que dizem revestiu maior imponentia do que

a que ultimamente se realizou para a investidura do rei da Noruega Haakon VIII.

E' quanto cabe descrever nesta rapida noticia de um dos actos mais solemnnes da côrte inglesa

O banquete de gala que se seguiu á cerimonia que acabamos de descrever, foi outra festa imponente que se realizou no salão de S. Jorge e onde tanto se poderia admirar a decoração architectonica com todas as suas recordações historicas, como a riqueza das baixelas de ouro de inestimavel valor artistico. Flôres e arbustos de esquisita belesa dão a nota colorida, realçada á profusa luz das serpentinas e candelabros. Ao fundo do salão a guarda real destacava-se por seus ricos e vistosos uniformes, e na mesa tomava logar a côrte e convidados, em numero de cento e sessenta e tres, e todos com suas fardas e comendas completavam o quadro mais brilhante e animado que é possivel imaginar.

O rei Eduardo dava a direita ao monarca português que se sentava entre Sua Magestade Graciosa e a rainha Alexandra. Todos os mais convivas ocupavam logares conforme as gerarquias.

Não deixaremos de registar o brinde do rei

Eduardo em extremo afetuoso para o soberano português e para a nação:

«Real senhor: desejo, em nome da rainha e de toda a familia real, exprimir quão altamente apreciamos a vossa presença entre nós. Tendes seguido passo a passo os vossos antepassados. Eu proprio e os meus predecessores temos tido a boa sorte de receber varios membros da vossa familia. Douvos as boas vindas a este país como soberano de um dos nossos mais antigos aliados; porque Portugal e a Inglaterra foram os melhores amigos durante seculos. Temos estado associados na guerra e na paz e espero que para o futuro será sempre na paz. Vossa Magestade terá interesse em saber que o tratado de arbitragem assinado pelo marquês de Lansdowne, então secretario de estado dos negocios estrangeiros, o será tambem aqui, esta noite, pelo vosso ministro dos negocios estrangeiros. O tratado acabava hoje, mas foi renovado sob os auspícios de sir Edward Gray e do sr. Carlos du Bocage. Espero que a vossa estada aqui vos será agradável e que a recepção que amanhã tereis na nossa grande capital será digna da ocasião e que o povo deste país mostrará os seus poderosos sentimentos de amizade para com-

vosco. Enfim, real senhor, haveis honrado a nobre Ordem da Jarreteira vindo a ser seu membro. Muitos dos vossos antepassados, dos quaes recordo cinco, foram cavaleiros desta antiga e illustre ordem. Não vos demorarei mais tempo e erguerei a minha taça para vos desejar ventura e prosperidade nas altas funções que exercéis e nos deveres que vos incumbem. Bebo á saude de Vossa Magestade e do vosso país».

A este brinde correspondeu El-Rei D. Manuel com igual gentileza, tocando em seguida a orquestra da camara real os hinos inglês e português, conservando-se todos de pé, num aspêto de verdadeira imponentia.

Foi surpreendente a recepção que o monarca português teve em Londres, quando, na manha seguinte, se dirigiu á velha City onde a municipalidade lhe oferecia um almoço no Guihall.

El-Rei e sua comitiva atravessam as ruas principaes de Londres em ricos coches de gala, com batedores e no meio de um esquadrão da *life guards* de fardas encarnadas e couraças de aço luzente.

O trajeto do cortejo real da estação de Pad-



A SALA VAN DICK

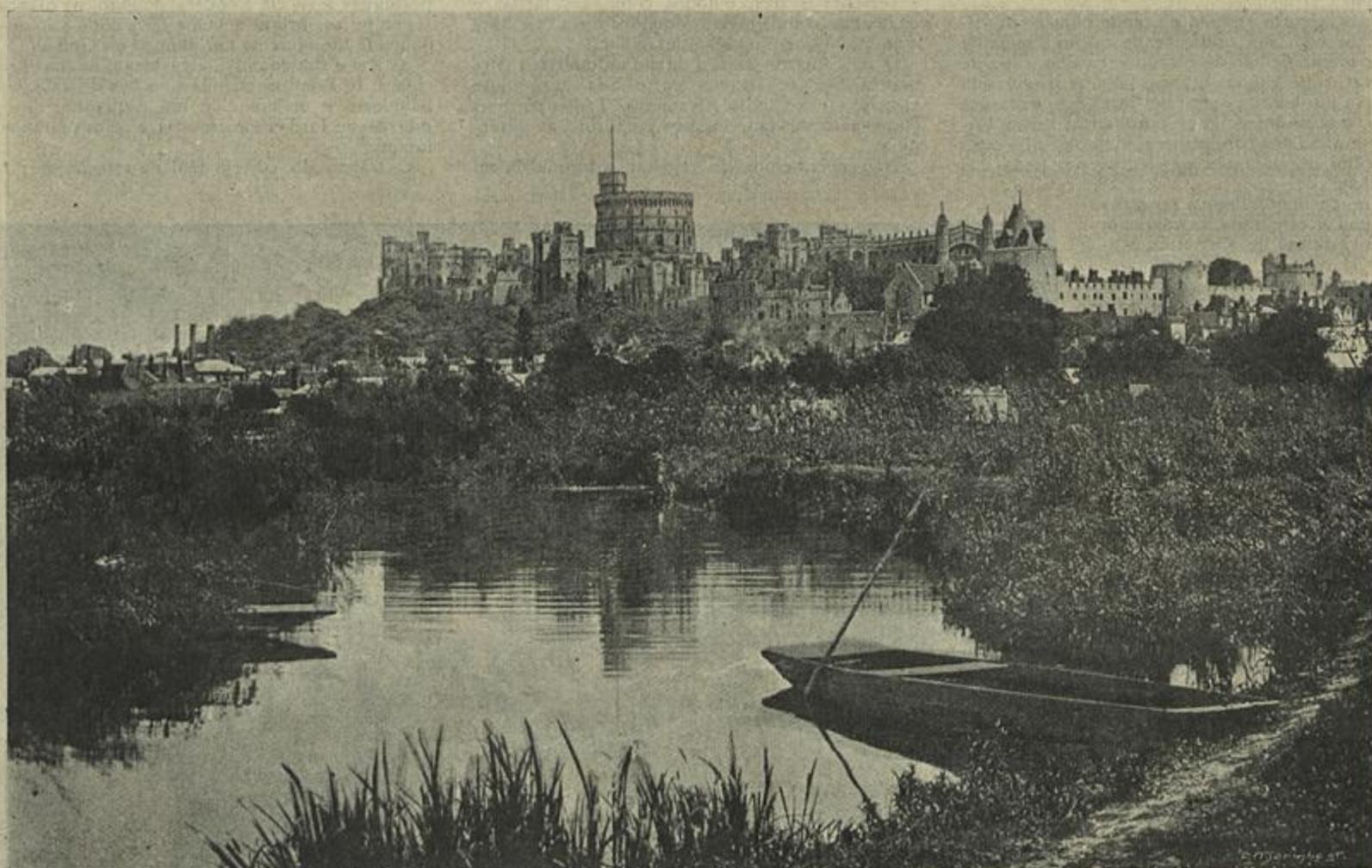
Viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II, ao Estrangeiro



S. M. El Rei D. Manuel II

S. M. O Rei Eduardo VII

A CAÇADA REAL EM WINDSOR



O CASTELLO DE WINDSOR, UMA DAS RESIDENCIAS DOS REIS DE INGLATERRA, ONDE S. M. EL-REI D. MANUEL II FOI HOSPEDADO

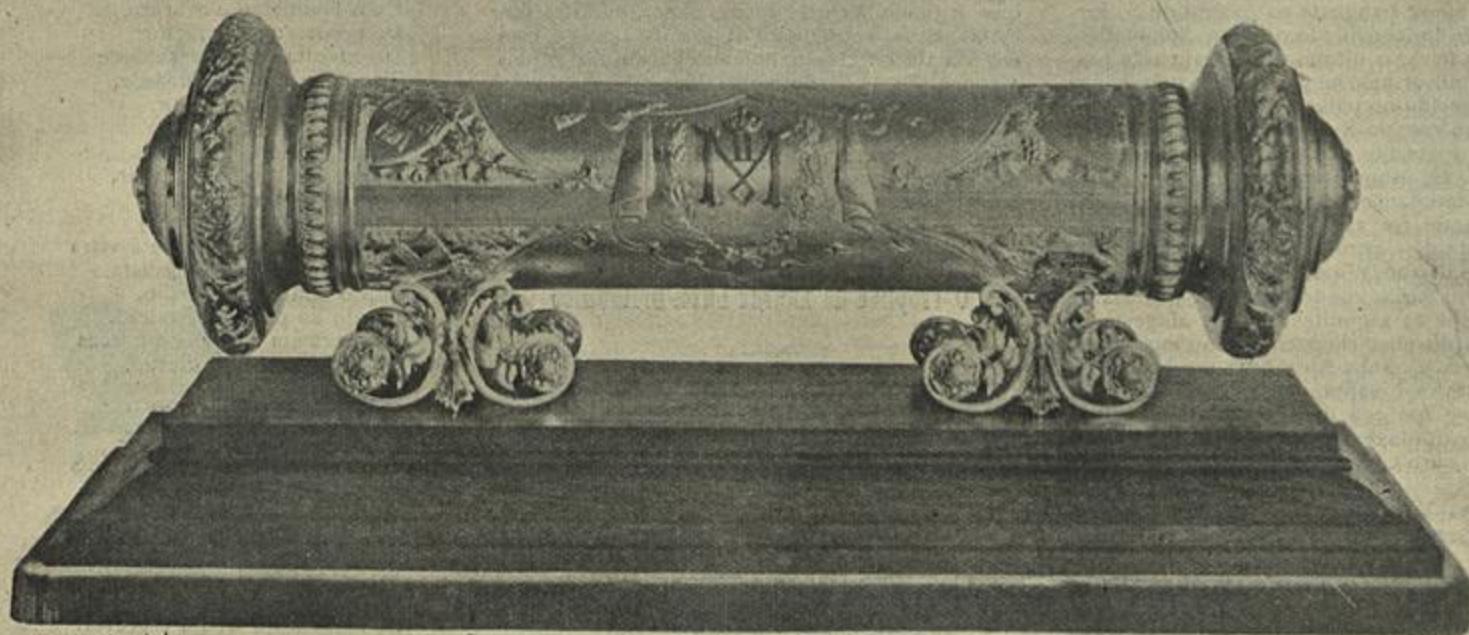
dington á City foi uma viagem a través da grande cidade que conta cinco milhões de habitantes, entretanto não passou despercebido no meio do grande movimento que agita aquella população. Nuns e noutros bairros Sua Magestade foi saudado pelas autoridades locais, e em Oxford Circus teve uma paragem maior para o sr. D. Ma-

John Knill com os membros da comissão, com seus trajes medievaes, fiel ás tradições.

A recepção realisou-se na sala da biblioteca onde se reuniram mais de oitocentos convidados, encontrando-se ali tambem os principes de Gales, duques de Fife, duques de Connaught e seus filhos, duque de Argyll, princêsa de Battenberg,

em estilo ispano-gotico de primoroso trabalho de ourivesaria, representando monumentos religiosos da historia antiga de Portugal, assentes sobre arcarias que lhe formam base e donde se erguem oito estatuetas alegoricas á ciencia, á arte, á litteratura, ao commercio, á autoridade, á honra, á prosperidade e á boa vinda, tudo em prata. O

Viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II, ao Estrangeiro



Amarrinho bbt. 51.

OS COFRES EM QUE FORAM OFERECIDAS A S. M. EL-REI D. MANUEL II, AS MENSAGENS DA MUNICIPALIDADE DA CITY E DA CAMARA DE COMERCIO ANGLO-PORTUGUÊSA

nuel receber uma mensagem de boas vindas das municipalidades de Westminster e Marylebone.

Nas proximidades do Guihall as ruas estavam enfeitadas de bandeiras e grinaldas de flores, e ao chegar a Cheapsid via-se um grande escudo das armas portuguezas.

No Guihall as honras militares foram prestadas por uma força de artilharia, e aguardava a chegada do monarca portuguez o *lord mayor* sir

duquês de Albany, principe Alexandre de Teck, o ministerio, marquês de Soveral e legação portuguesa em Londres, corpo diplomatico, altos funcionarios e muitos homens da alta politica, das letras e das finanças.

No meio desta grande reunião de nobres e notaveis, recebeu o rei de Portugal a mensagem de boas vindas, lida pelo arquivista da City e entregue a El Rei num precioso cofre de ouro lavrado

cofre é ainda ornado de finos esmaltes, a tampa cravejada de brilhantes e safiras, tendo no centro o escudo de armas de El-Rei D. Manuel II.

Nos angulos vêem-se os escudos das armas de Inglaterra, de Londres e de Portugal, e uma inscrição relativa á mensagem apresentada ao soberano portuguez.

Seguiu-se o almoço no grande salão do Guihall, que apresentava aspeto deslumbrante pelos

numerosos convivas fardados e em traje de gala, em que tanto orejavam as fardas como brilhavam as pedrarias de suas condecorações. O serviço feito nas baixelas de ouro da City, completava o esplendor da festa.

O *lord mayor* da City ergueu por fim a sua taça, brindando ao rei de Portugal, dando as boas vindas nos termos mais afetuosos para El-Rei e para a nação portuguesa, aludindo á velha amizade e aliança dos dois países, assim como ao casamento de D. João I com a princesa D. Filipa de Lancastre e o de D. Catarina de Bragança com Carlos II, e a quanto se assemelhavam as circunstâncias em que D. Manuel II subira ao trono com as de D. Manuel I, terminando por saudar o novo rei de Portugal cuja visita á City ficará bem gravada no coração dos seus considadãos.

El-Rei D. Manuel correspondeu a este brinde em termos não menos afetuosos para o *lord mayor* e para a nação inglesa.

O regresso a Windsor efetuouse pela mesma ordem da ida, formando as tropas alas nas ruas até á estação de Paddington e sendo El-Rei muito saudado pelo povo que se juntava nas ruas do tracto.

A' noite houve recita em Windsor oferecida ao soberano português e depois ceia na galeria de S. Jorge, servida em mesas parciaes, em que tomaram lugar o rei Eduardo, príncipe de Galles, rainha da Noruega, duquesas de Norfolk e de Lukue, condessa de Shaftesbury, conde de Sabugosa e marquês do Faial; noutra mesa, El-Rei D. Manuel, rainha Alexandra, princesa de Galles, marquês de Soveral, conselheiro Roma du Bocage, D. Fernando de Serpa, etc.

No dia de quinta-feira, 18, realizou-se outra caçada em que tomou parte, como na primeira, a côrte, e em que o sr. D. Manuel matou cento e sessenta e cinco faisões, sendo o total das peças mortas, de novecentas e vinte. Isto dá ideia das grandes tapadas de Windsor, em que, como se vê, abunda a caça.

Por esta ocasião El-Rei D. Manuel plantou um carvalho na floresta de Windsor, proximo a outro que seu pae plantou em 1904.

A' noite houve banquete na galeria de S. Jorge, para que foi convidado o corpo diplomatico.

Na sexta-feira, o ultimo dia oficialmente passado em Windsor pelo monarca português, houve almoço oferecido no palacio do príncipe de Galles; visita ao collegio Beaumont e visita ao quartel de um regimento. No collegio Beaumont, recebeu o sr. D. Manuel uma mensagem de boas vindas dos estudantes portugueses que ali se encontram e que foi apresentada pelo estudante sr. Alexandre de Castro.

Antes de deixar Windsor, o monarca português conferiu varias condecorações e brindes de que citaremos as seguintes: a Suas Magestades o rei Eduardo uma cigarreira com monograma de brilhantes, e rainha Alexandra um broche de ouro, brilhantes e safiras, estilo D. João V com a divisa *Por bem*; á duquesa de Connaught a banda de Santa Isabel; á princesa Victoria uma pulseira de ouro com um trevo de quatro folhas em rubis, etc.

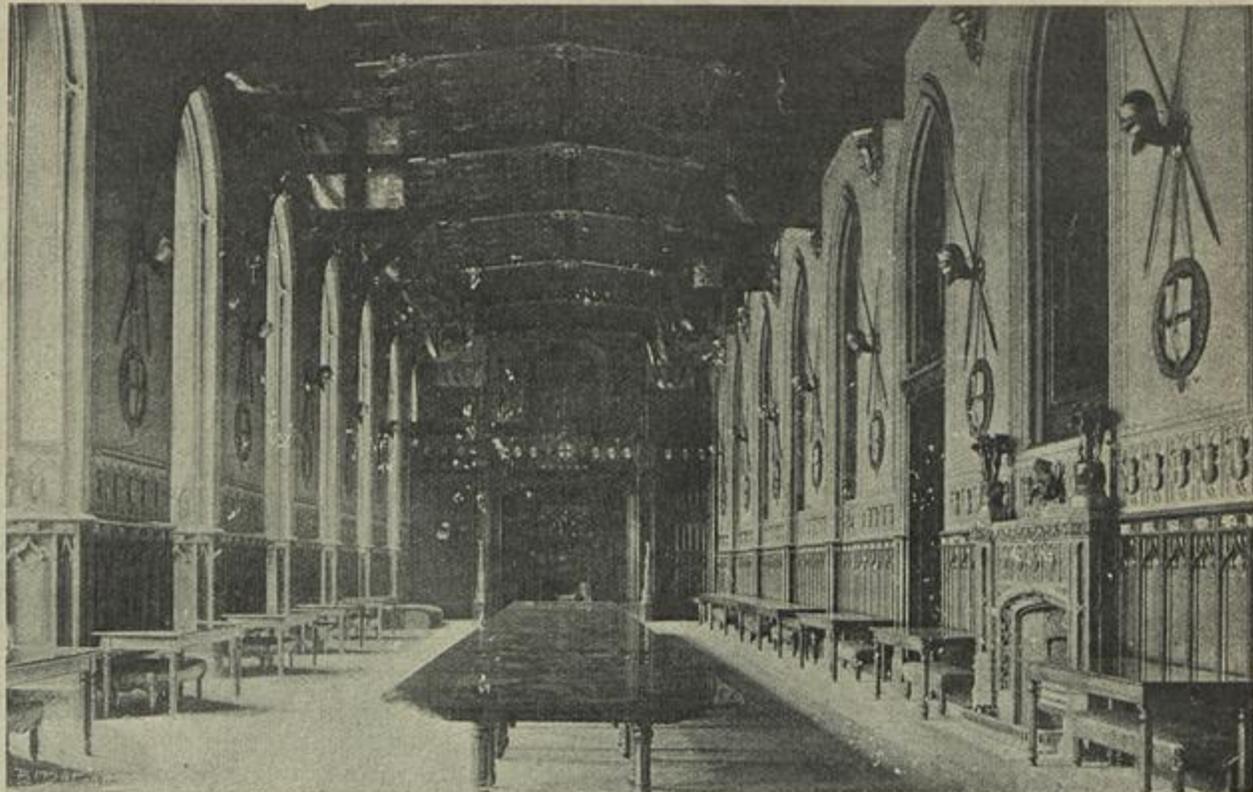
A princesa Victoria de Connaught é que, afinal, parece será a futura esposa do sr. D. Manuel.

O rei Eduardo ofereceu ao sr. D. Manuel uma taça de ouro lavrada com os escudos de Inglaterra e de Portugal. El-Rei D. Manuel agradeceu com a comenda de Cristo o *lord mayor* de Londres e mandou entregar 2:500 francos para os pobres.

Em Londres demorou se o sr. D. Manuel oito dias antes de partir para França.

Além de ter assistido a alguns espétaculos nos teatros, de ter feito varias visitas, entre estas aos duques Connaught, de Battenberg e de Argiel, de vêr ainda os principaes monumentos da cidade, assistiu com o sr. marquês de Soveral a uma sessão da Camara alta, onde se discutia o projeto do governo sobre impostos e que tem produzido uma das maiores crises politicas do Reino Unido.

Esteve na legação de Portugal onde recebeu os cumprimentos da colonia portuguesa, e mensagens da colonia israelita e a da Camara do Co-



A GALERIA DE S. JORGE

mercio Anglo-Portuguêsa, instituição devida ao sr. barão de Sousa Deiró que a tem mantido á sua custa sem o menor dispendio do governo português.

Esta mensagem ao sr. D. Manuel, além de lhe dar as boas vindas referiu-se largamente á necessidade de estreitar as relações commerciaes por meio do tratado de commercio ha tanto tempo em negociação.

Esta mensagem foi entregue em um lindo cofre de ouro, em fórma cilíndrica, de novidade e com bello trabalho de ourivesaria, como se pôde vêr das gravuras que publicamos neste numero.

A visita de El-Rei D. Manuel a Inglaterra reforçou de uma fórma mais frisante, no actual momento historico, a aliança das duas nações; teve tambem por fim renovar por mais cinco annos o tratado de arbitragem, e será coroada do melhor exito se conseguir efftuar o tratado de commercio, que segundo as declarações do sr. ministro dos estrangeiros, conselheiro Roma du Bocage, está em via de conclusão, obtendo para o nosso país a concessão de nação mais favorecida.

No numero seguinte daremos conta a nossos leitores da visita de El-Rei a Paris, para onde seguiu no dia 27, quando esta revista entra na maquina.



O Trofeu de Xadrez Luzo-Britannico

(Ultimo trecho da «Ode Triumphal» á Rainha D. Amelia, declamada no salão do Gremio Litterario, para inauguração solemne, em 14 de outubro de 1909)

O TROPEU DE XADREZ

Que causa teve esse effeito
A glorias lusas mortal?
Não foi, Ondina, o defeito
De injusto e cego Belial.
Do Marquez de Alorna a fala,
Quando vice-rei, na sala
Da Gôense Relação
(E Mascarenhas conserva
Para lustre de Minerva)
Bem illucida a questão.

Já o fito do arrazoado
Da Epanáphora... Rou, Rou,
(Brada o Pratico Soldado)
Faça-se o que El-Rei mandou!
Couto e Alorna (ah! não me illudo)
Disseram muito, não tudo.
Mas qualquer sabio mentor,
Dos dois lynces indo ao trilho,

Glosará com muito brilho
Discursos de tal valor.

Não a mim, bronzeo soldado,
Sempre em dorso de corseis,
Cumpre ter esquadrinhado
As consequências das leis
Que sancionaram tortura,
Dos livros previa censura
Compressão do alto pensar,
Da critica das más ideias.
Libertos dessas cadeias,
Vimos outros prosperar.

O que mais dana aos monarchas.
Os mata e prostra no chão
E' a peste maior das Parcas,
E' a sua propria ingratição.
Na India foi, com certeza,
Com fanatismo e avareza,
De perda enorme factor.
De envolta houve crueldade
Tamanha que, na verdade,
Espanto causa e pavor.

A par da Luso-Indiana
Magna historia a scintillar,
O Jogo Regio se ufana
(Qual meteoro sem par)
De apurar o engenho e a vista
Do Philosopho e Estadista.
Muito afinando a Razão,
Dando ao pensar fortaleza,
Bem remata a minha empreza
Da India o xadrez clarão.

Estas verdades assello
Com genios de alto pavez.
Que versaram, por mais bello,
(E com que ardor!) o xadrez.
A lista dos seus cultores,
Artistas, Imperadores,
E' tanta, que se ha de vêr
Do Oceano Atlantico a tinta
Já de todo o ponto extincta,
Se alguém no Ceu a escrever.

O estudo, por toda a parte,
Inflamma o globo pequeno
Que anheia falar com Marte.
Não distam muito do Rheno,
Nem do Sena, quaesquer zonas,
Mesmo as do infundo Amazonas.
Salvè, prodigios de Eiffel!
Aos navios sobre a onda
Angulo não ha que esconda
Dos successos o tropel.

A França — a emancipadora
Da vasta grei humanal —
Desdenha ter por tutora
A Tiára e Bençam papal.

Transigir deve o Imperante
Para ficar triumphante?
Do Estado nas relações
Com a Santa Madre Egreja
Não tardará que se veja,
Se o Progresso quer travões.

Quando o Destino procura
Purpura herdada manter,
Quanto não zela a ventura
Dos homens de mais saber!
Conquista poetas e artistas,
Oradores, jornalistas,
Do Throno solido arnez;
E á testa do bom conselho
Põe um Morphy, ou Lasker, já velho,
Eminente no xadrez.

Cedem o passo á sciencia
E tolerancia ideal,
Negregada imprevidencia
E fanatismo lethal.
Ninguem sabe porque traça
O aureo Calix de Alcobaça,
Mais a Patena voou;
Mas, ao saber que trabalha,
Grego moto da Batalha,
Que era francez confessou.

A RAINHA DAS TÁGIDES

Podeis entrar neste Paço
Por Lei da Boa Razão;
Sôa em redor, pelo espaço,
De aureos delphins a ovação.
Que com prazer vos saúde
Do Tejo o extenso alaúde,
Das Ninfas córo exemplar.
Vêde: Aqui reina a Ventura,
O Bem, a Paz, a Candura,
Tem a Pureza um altar.

O TROPHEU DE XADREZ

Estou tão fóra do sizo
Ante as harpas dessa voz,
Que é sonho do Paraizo
Quanto ouviu esta ampla foz.
Por tão magnifico evento
Dato de hoje o nascimento,
Do antigo ser dispo a flôr:
Recuzo-me a ter vivido
Antes de haver ascendido
Da Vossa Graça ao Thabor.



Oh Rainha do Universo
Pela elegancia sem par!
Não cabe, nem mesmo ao verso,
A espuma eólia pintar.
Que dia de eterna gala
Todo este meu bronze abala!
Tendes naufragio total
Oh Lumes de mór belleza!
Nunca no Emphyreo houve accessa
Redemptora estrella equal.

Posto em lucido castello
Quem me pôde resistir?
No jogo mais nobre e bello,
Verde espada, heis de fulgir!
Do Corso eclipse a carreira
Com tão gentil padroeira.

Como albatroz, ou condor,
Só por Vós, Intima Flamma,
Ha-de voar minha Fama
Dos Polos ao Equador!

De Pindaro acorda, ó genio!
Surja plectro triumphal,
Cantando epinicio aeneo
A padrão bronzeo, eternal.
Da *Ração Pura* ante os olhos,
Que montam terreos abrolhos?
Bocca de oiro, falle o Mar!
Torne-se em Cicero o Vento!
Seja Homero o Firmamento
Para o meu nome exaltar!

ALFREDO ANSÚR

Por iniciativa do autor, que declamou esta poesia, e do sr. James Rawes, presidente da Direcção do Real Club Inglez, foi a Rainha Amelia aclamada, por unanimidade, Padroeira do Tropheu de Xadrez Luso-Britannico. O sr. Mitchell, da Direcção do Club Inglez, propoz um voto de aplauso ao sr. dr. Ansúr (que tambem foi consignado na acta) depois de lido um telegrama do sr. Conde de Figueiró, veador de serviço, concebido nos seguintes termos:

«A Rainha, muito sensível á amavel e valiosa offerta, agradece reconhecida a V. Ex.ª.»

O sr. dr. Ansúr tinha pedido autorisação para recitar esta poesia, sendo-lhe concedida por telegrama do sr. D. Vasco da Camara, veador de serviço a S. M. a Rainha Amelia.



A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1112)

Effectivamente uma parte do recife parecia qualhado de luzes, e não só o recife como tambem uma grande extensão de mar em volta que se estendia de Norte a Sul, parecia um lago de fogo amarellado. De vez em quando por entre aquellas luzes, appareciam umas côres verdes, sobretudo quando as primeiras esmoreciam.

Era um espectáculo phantastico!

Apezar de ter feito tanta viagem, nunca tinha visto coisa semelhante.

O verde luminoso do movediço mar; a agua que chocando de encontro aos cachopos caía como chuva de crystaes e luz; a espuma correndo pelos canaes abertos nas rochas, taes como litas de pedras preciosas umas vezes, outra alfombrada de ouro movediço; tudo embriagava os sentidos e parecia-nos estar vendo um conto das *Mil e uma noites*.

Como se tinha conseguido fazer isto, era para mim um enigma que não sabia decifrar.

Pela minha parte declaro que me encontrava atonito e mudo, como um homem que contempla uma coisa sobrenatural, que lhe agrada, e ao mesmo tempo o atemorisa.

—Luzes debaixo do mar e gente vivendo ali!... E' coisa para transtornar o cerebro mais bem organizado — disse — E comtudo, é certo. Não perdemos o juizo nem estamos sonhando.

—Eu tambem vejo gente entrar e sair, como se estivesse em sua casa — gritou Peter quasi sem alento. — Isto é um espectáculo que mette medo, capitão.

Os outros nada disseram, tal era o estado de pavor em que se encontravam, formando grupo e boqueabertos contemplando aquelle espectáculo raro.

Realmente tudo aquillo era para causar assombro, mas não podiamos duvidar do que viamos, e segundo o que estava escripto nos apontamentos de Rutt Bellenden, por sobre a ilha pairava a sombra negra da morte.

Nenhum de nós falava d'ella nem tinhamos pensado na maneira de lhe escapar.

—Peter — disse de repente com a idéa de desviar a attenção dos meus companheiros — Esquecemo-nos que são horas de comer?

—Nem em tal coisa pensava agora, palavra de honra.

—Nem eu — disse Venn, que começára a tossir ao chegar áquelle nevoeiro de que pouco antes nos riamos.

O estado do pobre rapaz começou-me a causar inquietação, principalmente quando Seth Barker, respirando como um toiro, me disse ser melhor continuarmos o caminho, porque a meio do valle, a atmosphera seria mais pura.

—Talvez tenhas razão — respondi. — Vamos andando.

E todos juntos encetámos a marcha.

Caminhando a passo largo, mettemos pelo estreito carreiro do monte que conduzia ao centro do bosque, onde haviamos encontrado pela primeira vez os perigos da ilha.

A noite tinha descido ha muito com uma lua esplendida cuja luz, coada pelos vapores azulados de que falei, chegava até nós n'uns tons violeta.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



A reforma do teclado de piano

Tem-se tornado um assumto palpitante no mundo musical o projeto de reforma do teclado de piano, apresentado pelo professor do nosso Conservatorio o sr. Matta Junior.

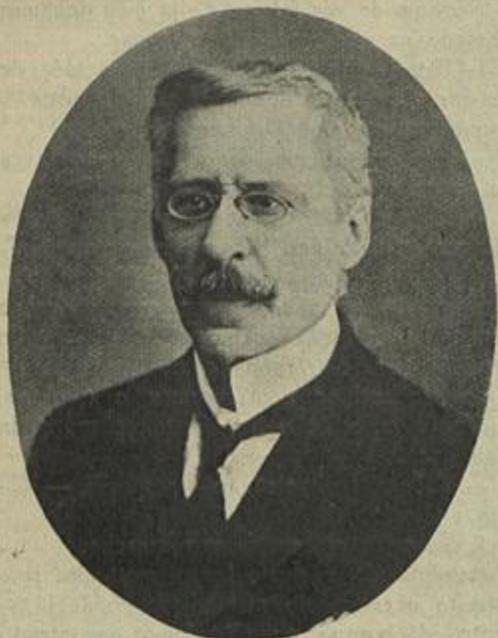
Este trabalho, considerado como a principal base da reforma que á musica moderna exige, deverá fazer uma completa evolução na ciencia musical, não só pela logica do principio que reforma a teoria, notação e grafia musical, como pela simplicidade que esta reforma deve trazer para a escrita e execução.

Reconhecida a verdadeira gamma sonora, de doze sons, a unica que produz escala temperada, compreende-se que o som definido por um numero determinado de vibrações é completamente inalteravel, e por conseguinte não *sobe* nem *desce*, sendo realmente um erro, devido á notação actual, considerar-se como som alterado, ascendente pela antiposição do *sustenido* e descendente pelo *bemol*. Esses sons alterados, são novas sonoridades, que apenas podemos considerar como atrações, o que se encontra em todos os sons afastados meio tom do som real, antes ou depois, circundando-o com as suas vibrações sonoras.

Na musica, são conhecidas vulgarmente *sete notas*, e, comtudo, a escala temperada produz *doze sons* que a acustica admite e que nos instrumentos de temperamento fixo, como o piano, se encontram na sua progressão gradual de vibrações. Como regular estas duas fracções, que apesar de diversas se unificam? A introdução do sistema cromatico na musica vem fornecer os meios de se poderem realizar todas as escalas, conservando-se nos mesmos graus 3.º, 4.º, 7.º e 8.º os meios tons indispensaveis á formação das escalas diatonicas, porque o genero cromatico é o meio que podia fraccionar os tons em meios tons e fornecer todos os sons precisos para preencher a deficiencia do genero diatonico.

Recenhecida a uniformidade que dimana da gamma coromatica, transportada esta pela mesma fórma para o teclado de piano em duas fiadas, uma de teclas brancas e outra de teclas pretas, contínuas e alternadas, produzia pela sua continuada simetria a facilidade para a tecnografia pianistica, visto que, partindo dum ponto da fiada branca ou preta, todos os passos, que se reproduzam em qualquer outro ponto da mesma fiada, serão completamente eguaes em tudo, na sua marcha, no numero das teclas brancas ou pretas a ferir, na dedilhação, nos transportes da mão e, finalmente, até na propria sonoridade.

Foram estes, em resumo, os principaes pontos em que se baseou a primeira conferencia que o



O PROFESSOR JOÃO EDUARDO DA MATTA JUNIOR

professor sr. Matta Junior realiso nas salas da *Ilustração Portuguesa*.

Um ponto importante nos sugere o desejo de contribuir pela nossa parte, com a propaganda, para reivindicar, para o nosso país o direito de prioridade, que indiscutivelmente pertence ao professor sr. Matta Junior, é o ter o professor sr. Men-

chaco, no seu importante trabalho sobre a reforma da teoria, notação e grafia musical, indicado como indispensavel para a realização do seu ideal a remodelação dos atuais teclados por outros em duas fiadas, uma de teclas brancas e outra de teclas pretas; trabalho este que foi apresentado pelo professor sr. Matta Junior, em 1883.

Por ser altamente significativa a forma como a primorosa revista, *Arte Musical*, trata deste assunto, transcrevemos parte duma local que se refere á conferencia realizada na sala da *Ilustração Portuguesa*, em que diz:

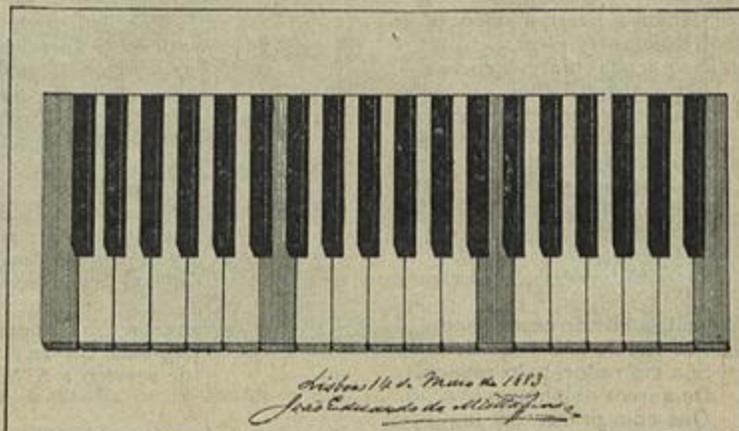
«Não pôde ser mais asado o momento para este acto de solidariedade, que importa nos unarmos todos no sentido de reivindicar para um português a prioridade da idéa, dado que a invenção, já está correndo mundo com rotulo estrangeiro.

«... e terão prestado ao ilustre inventor e ao nosso nome artistico um incontestavel serviço de possíveis vantagens futuras para todos nós.»

Muito importante será para o nosso país, que um assunto de tão alta transcendencia artistica, fique consignado que esta evolução é devida, senão no todo, em parte, a um português.

Esperamos que o ilustre diretor geral da instrução superior, o sr. conselheiro Agostinho de Campos, e o ilustre inspetor do Conservatorio, o nosso amigo sr. Eduardo Schwalbach, que todos reconhecem a dedicação e interesse que tomam por todos os assuntos concernentes ao desenvolvimento do ensino, autorizem a criação de uma classe em que se possa praticamente reconhecer das vantagens que o novo sistema de teclado poderá produzir para aquellos que se dedicam ao estudo de piano, e será esse o maior auxiliar para a reivindicación e propaganda desta idéa.

Consta-nos que o professor sr. Matta Junior realizará brevemente outra conferencia, tratando mais desenvolvidamente destes assuntos.



O NOVO TECLADO DE PIANO PELO PROFESSOR J. E. MATTA JUNIOR

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dor

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, Invaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras e creanças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22

Deposito das afamadas rendas de Peniche

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

SÓ NÃO TEM CABELLO E BARBA QUEM NÃO QUER

FAZEMOS NASCER:

Cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias

Garante-se que não é nocivo

Remette-se com toda a discreção



O genuino **MOOTCY** é o unico preparo para a barba e cabello que se produz, segundo as ultimas experiencias da sciencia e é provado que o genuino **MOOTCY** é o unico remedio que produz um tal effeito sobre as cellulas do cabello e as raizes da barba que crescem logo depois da applicação.

A milhares e milhares de pessoas temos com o nosso **MOOTCY** levado a felicidade. Homens notaveis e não notaveis, todos nos têm vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares d' Africa e d' Australia, é o nosso **MOOTCY** conhecido e apreciado. Pôde-se por isso dizer, com verdade, que gosa de fama universal.

O preço para o **MOOTCY** é de 2\$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de duas porções, uma para a barba e outra para o cabello tem o preço especial de 4\$420 réis.

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a restituir o dinheiro recebido se o remedio não der resultado algum.

Se isto não fór verdade pagamos ao comprador

300\$000 réis (trezentos mil réis)

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes têm escripta a palavra **MOOTCY**. — Envia-se diariamente para todas as partes, ainda as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia em portuguez, contra pagamento adeantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

MOOTCY DEPOT, Holmens Kanal, 30, Kopenhaga, 131

O maior e o mais importante estabelecimento da especialidade na Europa. Responde-se a todas as perguntas vindo acompanhadas do respectivo porte para a resposta.

DEPOSITO EM PORTUGAL:

Ferreira & Ferreira, Successores

99, Rua da Prata, 101 — LISBOA